

BULLYING E CYBERBULLYING NA ESCOLA

PROTOCOLO DE ATUAÇÃO E COMBATE



Observatório
Permanente dos
Preconceitos em
Escolas de
Sergipe

SECRETARIA DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO



SERGIPE
GOVERNO DO ESTADO



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
SERGIPE



Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão de Sergipe

Produção

Observatório Permanente dos Preconceitos nas Escolas de Sergipe (OPPES)

Apoio

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Secretaria de Estado da Educação de Sergipe (SEED)

Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão de Sergipe (FAPESE)

Organização

Ueliton Santos Moreira Primo (UFS)

Raquel Santos Galvão Lima (UFS)

Ruan Cardoso Santos (UFS)

Dalila Xavier de França (UFS)

Marcus Eugênio Oliveira Lima (UFS)

Comissão de Elaboração

Dalila Xavier de França (UFS)

Marcus Eugênio Oliveira Lima (UFS)

Ueliton Santos Moreira Primo (UFS)

Raquel Santos Galvão Lima (UFS)

Ruan Cardoso Santos (UFS)

Bárbara Santana Ribeiro (UFS)

Charles Vinicius Bezerra de Souza (UFS)

Joana dos Santos (UFS)

Laisla Suelen Miranda Rocha (UFS)

Comissão de Revisão

Daniela Melo da Silva Carvalho (UFS)

Igor Henrique Farias (UFS)

Revisão textual

Luciana Mariz

Fábio Cruz Mitidieri
GOVERNADOR DO ESTADO DE SERGIPE

José Macedo Sobral
VICE-GOVERNADOR DO ESTADO DE SERGIPE
/ SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Francisco Marcel Freire Resende
SECRETÁRIO EXECUTIVO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

José Edson Costa dos Santos
SUPERINTENDENTE EXECUTIVO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Eliane Passos Santana
DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE APOIO AO SISTEMA EDUCACIONAL-DASE

Adriane Álvaro Damascena
CHEFE DO SERVIÇO DE PROJETOS ESCOLARES PARA OS DIREITOS HUMANOS

Pedro de Santana Santos
COORDENADOR DO PROGRAMA ACOLHER

DIRETORIAS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO

DRE 1 – Franz Russeberg da Silva Santos
DRE 2 – Daniela Santos da Silva
DRE 3 – Gadston dos Santos
DRE 4 – Handresha da Rocha Santos
DRE 5 – Elaine Silva Tomé
DRE 6 – Max Cardoso Silva
DRE 7 – Maria das Graças Albuquerque Melo
DRE 8 – Marleide Cruz de Araújo
DRE 9 – Antônio José de Santana
DEA – Gilvânia Guimarães dos Santos

EQUIPE TÉCNICA DO PROGRAMA ACOLHER

Ana Mércia Dantas da Silva Santana
Andressa Lílian Rodrigues de Oliveira
Elaine Araújo Canuto
Karinne Nascimento Silva
Lorena Maria Borges Silva
Marcus Vinícius Oliveira Santos
Nayane de Jesus Oliveira Silva Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bullying e cyberbullying na escola [livro eletrônico] : protocolo de atuação e combate / organização Observatório Permanente dos Preconceitos nas Escolas de Sergipe (OPPES). -- São Cristóvão, SE : Ed. dos Autores, 2025.
PDF

Vários autores.
Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-01-40877-4

1. Bullying nas escolas 2. Bullying - Prevenção
3. Cyberbullying 4. Preconceitos - Aspectos sociais
I. Observatório Permanente dos Preconceitos nas Escolas de Sergipe (OPPES).

25-263341

CDD-370.15

Índices para catálogo sistemático:

1. Bullying e cyberbullying : Prevenção : Educação
370.15

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Apresentação

A cooperação entre a Universidade Federal de Sergipe e a Secretaria de Estado da Educação (SEED) é de fundamental importância para subsidiar e compreender as políticas públicas, a partir de dados oriundos das pesquisas acadêmicas. O material pedagógico apresentado a seguir, sob a forma de 7 (sete) protocolos que concernem às principais modalidades de violências e violações praticadas e percebidas na comunidade escolar – racismo, sexismo, LGBTfobia, classismo, intolerância religiosa; capacitismo; bullying e cyberbullying; – são o produto de uma rigorosa pesquisa fruto do Observatório das Violências e Conflitos Sociais na Rede Estadual de Ensino de Sergipe: Ações de Prevenção e Controle (UFS), a partir do diagnóstico da incidência dessas violências e violações em uma amostra representativa dos estudantes em 10 (dez) escolas circunscritas nas Diretorias Regionais de Educação do Estado de Sergipe.

Os protocolos apresentados servirão de embasamento técnico para a implementação dos núcleos do Observatório das Violências nas 10 (dez) unidades escolares da Rede Estadual de Ensino de Sergipe, orientando os profissionais que acompanharão os estudantes nas ações de prevenção e enfrentamento a essas modalidades de violência.

Cabe destacar que a SEED, por meio da Portaria nº 3625/2020, implementou a política de Promoção de Paz nas Unidades Escolares, considerando o crescente e notório aumento dos índices de violência no ambiente escolar, a necessidade da promoção de um espaço de acolhimento e cuidados, da difusão de práticas que estimulem a sensação de pertença dos estudantes, e do estímulo contínuo ao desenvolvimento integral de suas potencialidades.

Dentre as diretrizes da mencionada Portaria destaca-se a importância do estabelecimento de parcerias entre a escola e as Instituições de Ensino Superior (IES), para ações de colaboração na formulação de estratégias que visam a implementação da política da paz, observadas as diretrizes da SEED. Assim, compreende-se que as estratégias de intervenção indicadas nos protocolos elaborados pela equipe do Observatório deverão contribuir para a melhoria do clima escolar, na perspectiva da promoção da cultura de paz e não violência.

Ademais, o convênio celebrado entre os Departamentos de Psicologia e Serviço Social da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e a SEED buscará expandir o escopo das ações de formação continuada da equipe técnica que compõe o Programa de Acolhimento Psicossocial nas Escolas Estaduais de Sergipe (Programa Acolher) e demais profissionais da escola pública, bem como atingir um maior número de unidades escolares, além daquelas que foram inicialmente designadas como escolas-piloto para a implementação dos núcleos do Observatório das Violências e Conflitos Sociais.

Sumário

1	Introdução	7
2	O que é bullying e cyberbullying?	8
3	Quais as principais formas de expressão do bullying e cyberbullying?	11
4	Como o bullying e cyberbullying são reproduzidos na escola?	13
5	Quais os impactos do bullying e do cyberbullying?	15
6	A função da escola no combate ao bullying e cyberbullying	16
7	O papel do(a) professor(a)	21
8	O papel da gestão escolar	24
9	O papel da família	26
10	O papel da psicologia escolar	29
11	Uma situação de bullying ocorreu na minha escola. Como posso lidar com isso?	32
12	Como combater o bullying na escola: intervenções e indicações de materiais	37
13	Canais de denúncia	46
14	Relatório para registro de ocorrências de preconceito na escola	47
15	Referências	49

1.Introdução

- O bullying e o cyberbullying estão presentes no ambiente escolar e criam um mal-estar que prejudica a dinâmica de toda a escola. O bullying é uma forma de violência que deixa marcas profundas, comprometendo o desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças e jovens envolvidos, sejam eles vítimas, agressores ou espectadores. Já o cyberbullying se configura como uma forma moderna de bullying que acontece por meio digitais e eletrônicos, sendo um desafio combatê-lo, já que esse tipo de ataque extrapola os limites da escola. Para que a escola seja um ambiente seguro, respeitoso e que valoriza a diversidade, é fundamental atuar no combate ao bullying e ao cyberbullying e preparar os estudantes para viver harmoniosamente na sociedade.
- Este protocolo foi desenvolvido no âmbito do Observatório Permanente dos Preconceitos nas Escolas de Sergipe (OPPES) e surge da urgente necessidade de criar estratégias para enfrentar e combater o bullying nos ambientes escolares. Contudo, esse enfrentamento exige compromisso coletivo das escolas, famílias e sociedade, na construção de uma cultura escolar de respeito e inclusão. Combater o bullying é fundamental para que as escolas sejam, de fato, um espaço onde todos possam se desenvolver de forma plena. Este material visa fornecer uma maior compreensão sobre o tema, bem como oferecer estratégias práticas para reconhecer e enfrentar a problemática.
- Neste material, apresentamos os conceitos de bullying e cyberbullying, suas principais formas de expressão no ambiente escolar e fora dele, bem como os impactos desse fenômeno na saúde mental e na aprendizagem escolar dos estudantes, destacando a urgente necessidade de intervenção. O combate ao bullying e ao cyberbullying exige compromisso, conhecimento e ação conjunta de toda a comunidade escolar. Por isso, neste protocolo, são apresentados os papéis dos atores escolares para a enfrentamento ao bullying. Além disso, apresentamos políticas e práticas interventivas que podem ser implementadas pelos profissionais da escola para combater às violências, bem como discutimos maneiras pelas quais os pais e os responsáveis podem colaborar com a escola para garantir um ambiente seguro e respeitoso para todos os estudantes.



2. O que é bullying e cyberbullying?

O bullying e o cyberbullying são problemas graves no ambiente escolar, uma vez que ocorrem com frequência e podem causar impactos profundos na vida de crianças e adolescentes. Apesar do bullying ser um tema recorrentemente discutido, seja em relação a causas, consequências, formas de manifestações ou maneiras de lidar, é importante, para um melhor entendimento dessa questão, compreender o significado dessa palavra.

O **bullying** é uma **forma de violência sistemática**, que ocorre quando um indivíduo ou um grupo pratica, **de forma proposital e repetida**, atos de violência contra um ou mais dos seus colegas com **o objetivo de machucar ou causar dano**. Tais formas de agressão podem se manifestar de várias maneiras, incluindo a violência **física, verbal, relacional e cibernética** [1].

O bullying pode ser caracterizado por três critérios principais: **o tempo, o poder e a intenção**. Vamos entender cada um desses critérios.



Primeiramente, o critério do **tempo**. O bullying ocorre quando comportamentos **violentos e frequentes** ocorrem entre colegas. Para que essas ações sejam consideradas parte do bullying, é essencial que exista uma **repetição desses comportamentos** na relação entre os envolvidos ao longo do tempo. O bullying ocorre por meio de **ações repetidas, contínuas e têm uma certa regularidade**. Se ocorrem de forma isolada, esporádica ou apenas uma vez podem não se enquadrar no fenômeno do bullying [1].

O segundo critério fundamental para definir o bullying é a **intenção**. Como dito anteriormente, para que se caracterize como bullying, **as ações precisam ser de propósito, ou seja, ser intencionais**. Portanto, para que as ações negativas de um colega com outro sejam consideradas como bullying, geralmente **o autor ou os autores têm a intenção de causar danos, sejam físicos, emocionais, psicológicos, sociais, à vítima ou às vítimas** [1].

Por fim, o terceiro critério geralmente relacionado ao bullying é o **poder**, mais especificamente **o desequilíbrio de poder entre os autores e as vítimas do bullying**. **O agressor geralmente encontra-se numa posição de poder superior à vítima**. Esse poder pode se manifestar de diversas formas, como status social dentro do ambiente escolar, popularidade, características físicas, como altura ou força, e também questões sociais, como o pertencimento a grupos sociais (como étnico-raciais, de gênero, classe, religião). Dessa forma, é importante observar se há essa disparidade entre os colegas, uma vez que ela faz parte do bullying [1].



Em resumo, são elementos centrais na definição de bullying:

- **Intenção:** os agressores violentam suas vítimas de forma intencional
- **Poder:** os agressores se sentem mais poderosos do que suas vítimas
- **Tempo:** a violência é realizada repetidamente ao longo do tempo

Esses critérios também são importantes para entendermos uma forma específica de bullying: **o cyberbullying**. O cyberbullying ocorre quando **o bullying se manifesta no ambiente virtual, ou seja, quando a violência é exercida no contato por meio de celulares, computadores, redes sociais, jogos de videogame e outras mídias digitais** [2].





O cyberbullying compartilha muitos conceitos e critérios com o bullying tradicional, mas apresenta algumas diferenças. Uma das principais diz respeito ao **anonimato associado ao cyberbullying** [3]. No ambiente virtual, os autores das ações muitas vezes se escondem atrás de perfis falsos, o que permite um certo nível de anonimato e dificulta a identificação dos responsáveis.

No entanto, a internet produz uma falsa sensação de anonimato, uma vez que **tem crescido as formas de identificação dos autores de violências cometidas nas redes sociais**. Outra diferença importante é o alcance que essas ações podem alcançar no ambiente digital. No contexto virtual, o conteúdo ofensivo pode se espalhar rapidamente e atingir um público muito mais amplo do que no bullying tradicional [4].

Os critérios mencionados anteriormente - **o tempo, a intenção e o poder** - **também são aplicáveis ao cyberbullying**. Para que as ações realizadas no ambiente virtual sejam caracterizadas como cyberbullying, elas precisam ser **recorrentes, intencionadas em causar prejuízos, e baseadas em uma relação desigual de poder entre o autor e a vítima**. No caso do cyberbullying, esses critérios possuem algumas especificidades, especialmente em relação ao poder. No ambiente virtual, **o desequilíbrio de poder pode estar relacionado também a aspectos específicos do digital, como o maior domínio das ferramentas tecnológicas e a posse de conteúdos digitais que possam ferir ou constranger um colega** [5][2]. Os ataques online não apenas **amplificam a disseminação do ódio**, mas também **facilitam o estabelecimento de conexões entre indivíduos que compartilham ideologias de ódio semelhantes** [6].



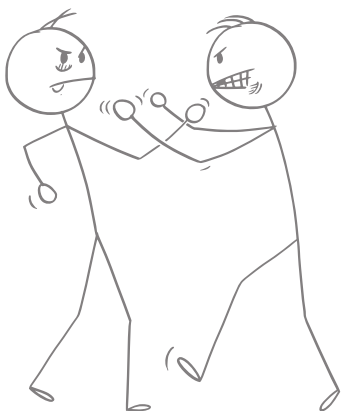
3. Quais as principais formas de expressão do bullying e cyberbullying?

Agora que entendemos o que são o bullying e o cyberbullying, **vamos examinar as suas principais formas de expressão**. Como esses comportamentos se manifestam? O que exatamente são essas ações de violência? O que os colegas fazem para prejudicar uns aos outros?

Primeiramente, é importante destacar que o bullying e o cyberbullying **se manifestam de diversas formas**. O bullying geralmente ocorre de forma mais direta, envolvendo perseguição, perturbação e agressões físicas e verbais entre os colegas, mas também pode assumir formas mais sutis e indiretas, como a exclusão social. É importante reconhecer essas formas indiretas, pois, muitas vezes, elas passam despercebidas por não serem tão explícitas.

A expressão do bullying pode ser compreendida em três principais aspectos: **físico, verbal e relacional**. O **bullying físico** envolve **agressões físicas**, como bater, empurrar, chutar o colega. Já o **bullying verbal** é aquele realizado por meio de **agressões verbais**, como xingamentos, ofensas, ameaças e apelidos pejorativos. Por fim, o **bullying relacional** se manifesta por meio de **ações nas relações entre as pessoas**, como excluir um colega de atividades, impedir sua participação em grupos, isolá-lo e ignorá-lo [7][8]. A seguir, seguem mais exemplos de ações enquadradas nas categorias de bullying:

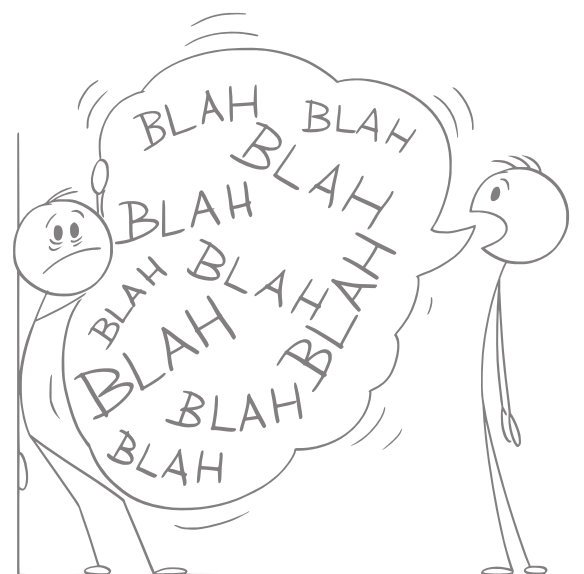
BULLYING FÍSICO



- puxar a orelha
- beliscões
- puxar cabelo
- jogar água ou comida no colega
- empurrar
- atirar objetos
- derrubar
- agarrar
- prender
- quebrar objetos
- bater, com socos, tapas ou chutes, etc.

BULLYING VERBAL

- apelidar
- zombar
- xingar
- falar mal do colega ou de aspectos do seu corpo
- ironizar
- ofender
- gritar
- ameaçar
- espalhar mentiras



BULLYING RELACIONAL

- ignorar a presença da pessoa
- deixar a vítima fora
- sabotar
- impedir de participar de atividades
- isolar
- excluir

Por sua vez, o cyberbullying, que ocorre virtualmente, **também pode assumir diversas formas de expressão**. Essas ações podem acontecer **em aplicativos de redes sociais**, como Whatsapp, em conversas privadas ou grupos no Discord, Instagram, TikTok, Twitter/X, Facebook e outros ambientes online compartilhados entre colegas. **As agressões no cyberbullying podem ser feitas por meio de chamadas, áudios, mensagens, fotos, vídeos, figurinhas, memes, entre outras formas de conteúdo digital**. Essas ações online podem ser brigas, discussões, insultos, difamações, exposição de informações íntimas e assédio [2].



4. Como o bullying e o cyberbullying são reproduzidos na escola?

Nas escolas, os comportamentos caracterizados como bullying e cyberbullying **espalham-se por diversas áreas do ambiente escolar**. Estudos que exploram os locais mais comuns para a ocorrência dessas formas de violência destacam que, na escola, **o bullying**



não se restringe a lugares específicos, mas se espalha por todos os espaços, incluindo aquelas próximas à instituição de ensino [9]. Ao mesmo tempo, espaços onde o bullying possui menor probabilidade de ser detectado pelo corpo docente, como **pátio, corredores e quadra esportiva, tendem a ser os principais cenários para tais comportamentos [10].**



Principais locais da escola onde ocorre o bullying:

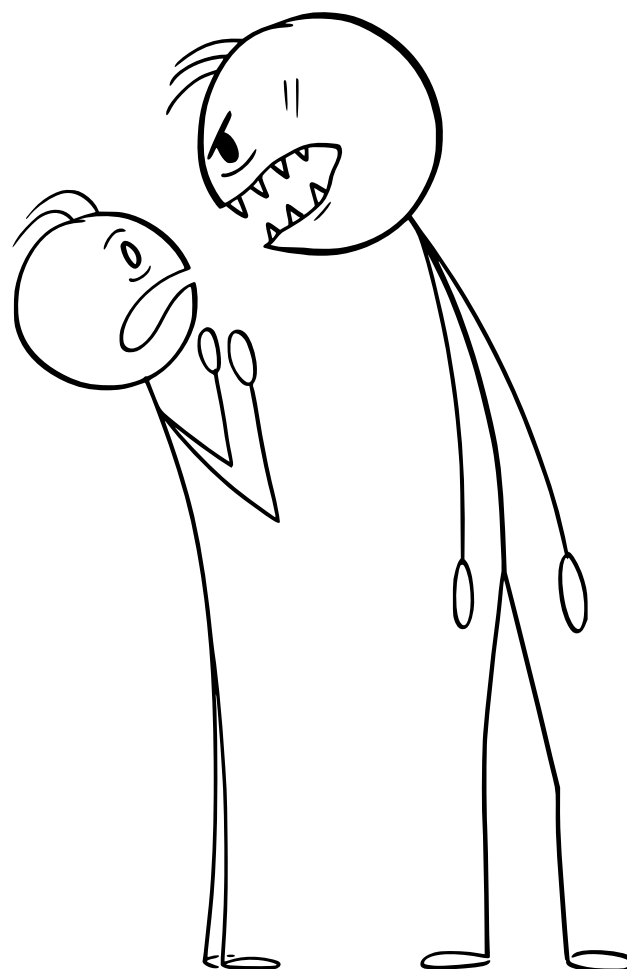
- Pátio
- Corredores
- Quadra esportiva
- Classe
- Refeitório
- Banheiro



O cyberbullying, por sua vez, reproduzido no universo digital e frequentemente impulsionado pelos conflitos escolares, **não se limita aos muros da instituição**. Ele acompanha os estudantes em suas interações, **seja em casa, em espaços públicos ou em qualquer local onde tenham acesso a algum dispositivo móvel [11].** É reproduzido a partir de ataques online, onde os agressores podem espalhar boatos, criar perfis falsos para difamar a vítima, divulgar informações pessoais sem consentimento e/ou enviar mensagens ofensivas a alguém.

Para além dos locais de ocorrência, a presença do bullying e do cyberbullying nas escolas está fortemente ligada à reprodução de **relações desiguais de poder**. [12]. Esses comportamentos são perpetuados por funções de **dominância social**, nas quais **agressores se beneficiam dos diversos tipos de preconceito para atacar, intimidar ou excluir aqueles considerados diferentes**. Nesse sentido, a intolerância ligada a aspectos como **identidade étnico-racial, religiosa, de gênero, classe, entre outros tipos, funciona como catalisadora das agressões**, oferecendo justificativas sociais para sua ocorrência. A questão do abuso de poder entre agressores e vítimas, assim, destaca como a dominação é um ponto central para a perpetuação do bullying escolar, bem como evidencia sua ligação com as estruturas desiguais de poder presentes na sociedade.

Adicionalmente, **fatores como a baixa autoestima das vítimas, a falta de apoio adequado e ambientes escolares permissivos, que não conseguem implementar medidas eficazes para combater o problema, contribuem para a continuidade do bullying e do cyberbullying**. A baixa autoestima torna as vítimas mais vulneráveis e menos propensas a buscar ajuda, o que facilita a perpetuação do abuso [13]. A falta de apoio adequado, tanto por parte dos colegas quanto dos adultos, agrava a situação, pois as vítimas se sentem isoladas e desprotegidas [7].

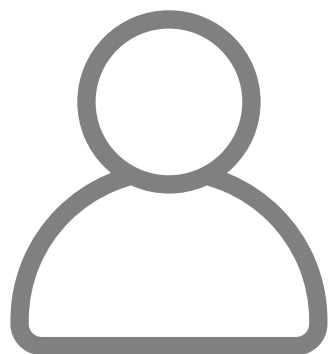


Além disso, **a ausência de intervenções efetivas de enfrentamento ao bullying** nas escolas **permite que esses comportamentos se proliferem**, já que os agressores, muitas vezes, não recebem consequências efetivas pelos atos e nem orientações adequadas para que possam refletir e mudar seus comportamentos [14]. Assim, quer seja por meio de uma tela, quer seja de forma presencial, bullying e cyberbullying se entrelaçam na **perpetuação de um ciclo de violência**.

5. Quais os impactos do bullying e cyberbullying?

Estudos em todo o mundo têm dedicado esforços para compreender **os efeitos do bullying e cyberbullying no ambiente escolar**, evidenciando as implicações dessas práticas **tanto para as vítimas, quanto para agressores e testemunhas** [15]. Uma vez que o bullying pode assumir diferentes formas - verbal, físico, relacional e digital - **os impactos variam de acordo com a natureza específica do comportamento agressivo**, podendo incluir desde **danos psicológicos até prejuízos no desempenho acadêmico** [16]. Ao longo do tempo, as consequências do fenômeno também flutuam conforme **a posição na dinâmica de violência, do tipo de conduta perpetrada, testemunhada ou sofrida, e do estágio de desenvolvimento de cada indivíduo envolvido**.

VÍTIMAS

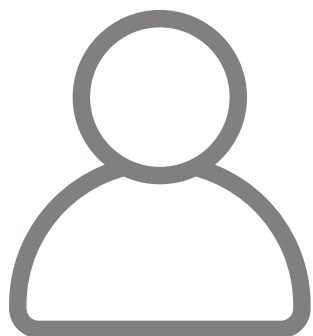


Os que sofrem bullying

Entre **os impactos negativos associados ao bem-estar psicológico**, a literatura aponta uma **forte associação entre a vitimização por bullying e cyberbullying e uma série de sintomas depressivos e ansiosos, insatisfação corporal, comportamento autolesivo e ideação suicida** [17]. Além disso, as vítimas frequentemente sofrem uma **queda na autoestima**, o que, segundo estudos, pode estar relacionado ao **isolamento social, humor depressivo, sentimentos acentuados de solidão, problemas familiares e comportamento suicida** [18].

O comprometimento na trajetória educacional também é documentado, refletindo-se em **baixo desempenho acadêmico, problemas de aprendizagem e prejuízo no processo de socialização dos estudantes** [17]. Por fim, destaca-se a **sensação de desesperança e desamparo**, pois as vítimas frequentemente se sentem incapazes de escapar da violência que enfrentam.

AGRESSORES

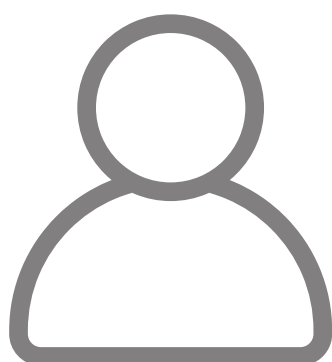


Os que praticam bullying

Em relação aos **agressores**, há uma série de consequências negativas igualmente preocupantes. Destacam-se o **baixo rendimento escolar** e a **supervalorização da violência** como forma de obter poder e controle [19]. **Problemas disciplinares** são comuns, com muitos enfrentando suspensões ou expulsões. Os agressores podem apresentar dificuldades em manter um desempenho acadêmico satisfatório, além de exibir comportamentos agressivos que podem levar a conflitos contínuos.

O padrão de violência geralmente se expande além da escola, manifestando-se em outros contextos e influenciando negativamente a trajetória de vida dos agressores [20]. Além disso, a falta de habilidades sociais adequadas resulta em **dificuldades para formar relações interpessoais positivas e saudáveis**, o que pode gerar isolamento e agravar comportamentos agressivos.

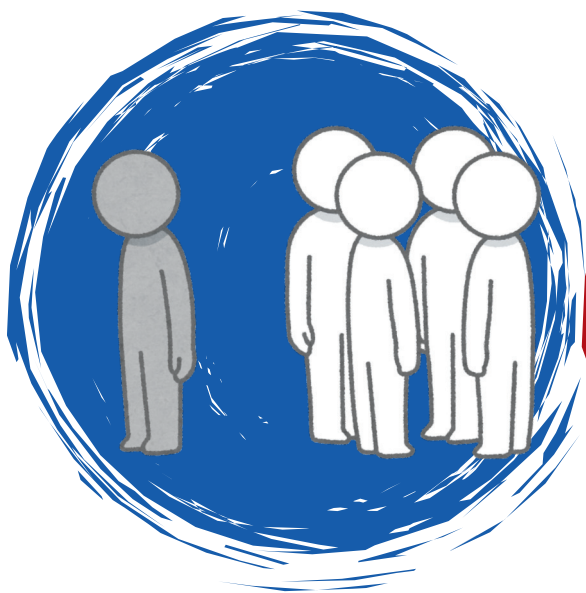
TESTEMUNHAS



Os que convivem em um ambiente onde o bullying ocorre

Já as **testemunhas** do bullying, com medo de se tornarem próximas vítimas, relatam **altos níveis de ansiedade e sentimentos de impotência** diante da violência presenciada [9]. Adicionalmente, as testemunhas podem desenvolver **sentimentos de culpa** por não intervirem ou ajudarem as vítimas, o que contribui para a **intensificação do estresse e da ansiedade**.

Ver a violência o tempo todo pode deixar os estudantes menos sensíveis, **menos empáticos e mais tolerantes à agressão** [21]. Além disso, o impacto psicológico de presenciar o bullying pode atrapalhar a participação nas atividades escolares, levando a **piora no aprendizado, no desempenho e no interesse pelos estudos** [22].



Principais efeitos do bullying para as VÍTIMAS:

- Baixo desempenho escolar
- Isolamento social
- Baixa autoestima
- Ansiedade
- Depressão
- Comportamentos suicidas



Principais efeitos do bullying para os AGRESSORES:

- Baixo desempenho escolar
- Ansiedade
- Tendência a valorização da violência
- Rebaixamento da empatia



Principais efeitos do bullying para as TESTEMUNHAS:

- Sentimento de apreensão
- Ansiedade
- Medo de se tornarem vítimas
- Sentimentos de impotência diante da violência presenciada



6. A função da escola no combate ao bullying e cyberbullying



A escola, sendo um espaço fundamental na formação e socialização dos jovens, tem um **papel crucial no combate à práticas de bullying e cyberbullying**. A escola deve estruturar sua organização para promover um **ambiente escolar seguro e acolhedor**, onde todos os alunos se sintam **respeitados e protegidos**, e essas expressões de violência sejam prevenidas.

A implementação de **programas educativos** que abordem **as consequências do bullying e cyberbullying**, bem como **o ensino de habilidades sociais e emocionais** são essenciais para **sensibilizar** os estudantes sobre o **impacto de suas ações** [23]. As escolas também precisam **observar a frequência de conflitos** e situações de atritos, já que as práticas de bullying são caracterizadas por repetição ao longo do tempo [24].

Além disso, a escola deve adotar **políticas claras e rigorosas contra o bullying e cyberbullying**, estabelecendo procedimentos para a **identificação, intervenção e acompanhamento dos casos**. Normalmente, essas práticas envolvem o uso de métodos de ensino para **conscientização dos alunos**, como vídeos relacionados ao bullying e cyberbullying, além de uma série de lições roteirizadas para ajudar os alunos a **discutir questões relacionadas à violência em ambientes escolares e esforços para prevenir e lidar com essa situação quando ocorrer**. Esse tipo de programa escolar tem o potencial de ser usado como uma **intervenção** para ajudar a **prevenir** o bullying e o cyberbullying, ou mesmo ser incorporado a um **programa anti-bullying** mais abrangente em toda a escola. Considerando que há uma forte sobreposição entre vítimas e perpetradores de bullying tradicional e cyberbullying, um programa abrangente de prevenção e intervenção pode ser a abordagem preferida [25].

Por exemplo, o programa **“O Cyberbullying: A Prevention Curriculum”**, desenvolvido por Kowalski e Agatston [26], é um projeto de **oito sessões** projetado para alunos do **6º ao 12º ano**. Especificamente, ele **ajuda os alunos a entender o conceito de cyberbullying, as consequências de participar desse comportamento e maneiras de resistir e intervir no cyberbullying**.

O programa inclui **material digital com folhetos reproduzíveis, pôsteres e materiais para pais**, fornecidos junto com vinhetas de vídeo para facilitar a discussão. **Líderes de turma são utilizados para facilitar o aprendizado**. Esse tipo de intervenção pode ser uma ótima ferramenta para **capacitar também os professores e funcionários a reconhecer e lidar com situações de bullying**, sendo igualmente importante para o desenvolvimento de um ambiente antibullying.

A escola também deve **trabalhar em parceria com os pais e a comunidade** para fortalecer a rede de apoio às vítimas e promover um ambiente colaborativo de prevenção. Assim, desenvolver regras de convivência ajuda a incorporar a prática antibullying.

Nesse sentido, em seu estudo, Nardi [27] constrói **sugestões e ressalta a importância das escolas adotarem uma abordagem proativa, integrando estratégias de prevenção e intervenção que envolvam toda a comunidade escolar**. As propostas incluem:



Desenvolver e implementar programas educacionais:

Incluir no currículo escolar e criar programas educacionais que abordem o bullying e o cyberbullying, ensinando aos alunos sobre as consequências dessas práticas e promovendo valores de respeito e empatia.

Engajamento da comunidade escolar:

Envolver estudantes, funcionários da escola, pais e responsáveis em campanhas e programas de sensibilização para criar uma rede de apoio e vigilância contra o bullying e o cyberbullying.

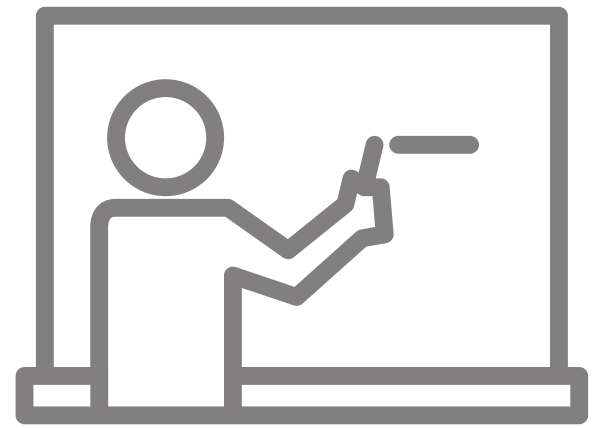
Monitoramento contínuo:

Estabelecer mecanismos de monitoramento e avaliação contínua para identificar e tratar casos de bullying e cyberbullying de maneira eficaz.



Portanto, fica claro que **campanhas de sensibilização, atividades de grupo que promovam a inclusão e o respeito às diferenças, bem como a promoção de uma comunicação aberta entre alunos e educadores, podem ser medidas eficazes para prevenir o bullying e o cyberbullying.** Além disso, a escola deve **oferecer suporte psicológico e emocional às vítimas**, ajudando-as a recuperar sua autoestima e bem-estar. Assim, através de políticas claras, educação preventiva e um trabalho em conjunto, **é possível minimizar a ocorrência desses fenômenos na escola.**

7. O papel do(a) professor(a)



Os professores são profissionais essenciais para o trabalho de prevenção e enfrentamento do bullying e cyberbullying. Mas, para combater essas formas de violência nas escolas, **é importante que os professores sejam instruídos e preparados de forma adequada.** O conhecimento sobre as diferentes formas de agressão - física, verbal e relacional - e suas manifestações no ambiente escolar e digital é central nesse processo, pois pode auxiliar na capacidade de identificar e lidar de forma mais eficaz com essa violência [27][28].

Os professores podem atuar de diferentes formas na prevenção e no combate ao bullying, tais como:

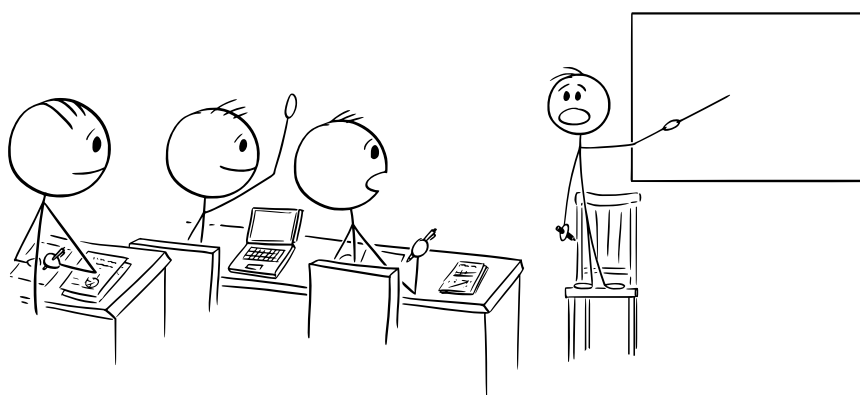
- ✦ Promover diálogos abertos sobre o tema com seus estudantes, incentivando a sensibilização, a consciência crítica, o respeito e o apoio mútuo;
- ✦ Promover intervenções imediatas em situações identificadas de bullying e cyberbullying, acolhendo e conversando com os estudantes envolvidos;
- ✦ Promover projetos contínuos que trabalhem a prevenção e o enfrentamento do bullying e da sua reprodução na escola e nas redes virtuais.

- ✦ Para isso, é crucial buscar o apoio de outros profissionais da escola quando necessário e envolver os pais e responsáveis, criando uma rede de apoio que ultrapasse os limites da escola (29).

Outra função importante dos professores é agir na **desconstrução da percepção de que o bullying é apenas uma "brincadeira"** ou uma parte natural do processo de desenvolvimento da criança, pois isso subestima a gravidade do problema e impede intervenções eficazes.

Relacionamentos positivos entre professores e alunos também contribuem para a prevenção do bullying. Um vínculo forte e baseado no respeito mútuo contribui para um ambiente escolar nas quais as agressões são menos toleradas e mais rapidamente resolvidas. Professores que mantêm um relacionamento próximo e de apoio com seus alunos são mais capazes de perceber mudanças no comportamento e intervir de forma eficaz [29][25].

A atuação dos professores no combate ao bullying e ao cyberbullying deve ser multifacetada. Nardi [27] propõe várias estratégias de intervenção que incluem:



Organização de debates:

Promover momentos de debates, discussões e rodas de conversas sobre bullying e cyberbullying nas salas de aula e em toda a escola para aumentar a sensibilização sobre o tema e fomentar um ambiente de respeito mútuo.

Desenvolvimento de projetos antibullying:

Criar ações e projetos nas escolas visando a prevenção e o combate ao bullying, tais projetos podem ser desenvolvidos em parceria com outros professores e profissionais da equipe, pais, estudantes e comunidade.

Criação de regras de convivência:

Estabelecer regras claras contra o bullying e garantir que todos os membros da comunidade escolar estejam cientes dessas normas.

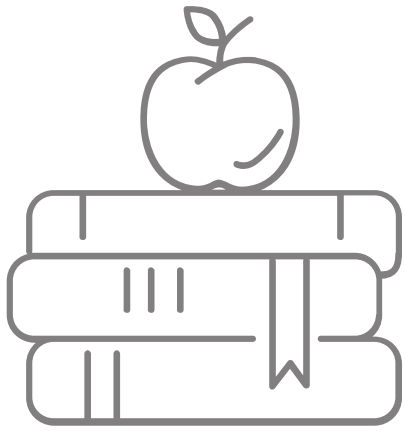
Formação continuada:

Participar de programas de formação continuada para identificar, intervir e prevenir casos de bullying e cyberbullying.

Apoio e proteção às vítimas:

Promover apoio, segurança e acolhimento às vítimas, e encaminhá-las para assistência psicológica, sempre que necessário.

O combate ao bullying exige uma ação contínua coordenada pelos professores e demais profissionais da escola, que devem ser vistos não apenas como transmissores de conhecimento, mas como agentes de transformação social. Somente através de um esforço conjunto será possível criar um ambiente escolar mais seguro, inclusivo e respeitoso para todos.



8. O papel da gestão escolar

A escola é um ambiente formador e deve buscar desenvolver cidadãos críticos, capazes de conviver e respeitar as diferenças. **Cabe a todos os profissionais que compõem a comunidade escolar, inclusive os gestores, desenvolver ações que visem romper com o bullying e a violência.** É papel da gestão escolar refletir sobre os conflitos presentes na instituição e promover medidas de prevenção e controle voltadas para a superação desses problemas.

Deste modo, a gestor escolar tem uma função de **articular e estimular as ações durante todo o período letivo**, favorecendo o desenvolvimento e planejamento de **ações contínuas de prevenção e de responsabilização diante de situações de bullying**. Estas deverão ser amplamente discutidas e construídas com a **participação de todos os atores envolvidos na comunidade escolar**, sendo um processo de gestão participativa e democrática. Esse planejamento pode englobar:

- ✦ **Diagnóstico institucional sobre o bullying na escola:** É fundamental a realização de diagnóstico para planejar como se darão as ações durante o ano letivo, destacando que o objetivo não é buscar culpados e sim compreender as causas, consequências e as possíveis intervenções para solucionar o problema [30].

- ✦ **Formação continuada para os profissionais:** O gestor precisa se capacitar e fomentar a possibilidade de programas educativos de formação inicial e continuada para todas as pessoas que trabalham na escola, para que estes sejam capacitados para atuarem diante de situação de bullying e na prevenção para que não ocorra. Revisões Sistemáticas da Literatura que abordam a temática [31] destacam a importância de perspectivas de formação que integrem conhecimentos teórico-práticos, utilizando-se de situações-problema do cotidiano como mobilizadores de aprendizagem e valorização de momentos de troca entre profissionais. As pesquisadoras apontam que as estratégias devem ser seguidas em um processo contínuo.
- ✦ **Planejamento anual das ações de educação e sensibilização:** Faz-se necessário proporcionar aos alunos ações sobre bullying de forma contínua e baseados no diagnóstico realizado na escola e avaliar os impactos da intervenção realizada.
- ✦ **Parceria com pais, mães e/ou responsáveis:** a gestão escolar deve promover uma maior aproximação entre todos os atores, promovendo capacitação e conscientização também da família para que eles possam cooperar no enfrentamento ao bullying e na promoção da cultura de paz escolar [32] [33].
- ✦ **Apoio às pessoas vítimas:** Gestores escolares devem garantir um espaço de apoio para que as vítimas de agressão, violência, discriminação ou preconceito possam ser acolhidas e para que os encaminhamentos necessários sejam realizados, além de encaminhar para os serviços disponíveis, incluindo serviços de apoio psicológico.
- ✦ **Avaliação e monitoramento das ações:** A gestão, em parceria com a comunidade escolar, precisa avaliar as ações desenvolvidas, seja através de dados quantitativos ou qualitativos, a fim de compreender a eficiência do planejamento.



9. O papel da família

Todos os contextos onde as crianças e os adolescentes estão inseridos precisam contribuir para o enfrentamento ao bullying no ambiente escolar, inclusive a família. **É muito importante que pais, mães e responsáveis estejam atentos aos sinais** de que seus filhos podem estar sofrendo ou praticando bullying ou cyberbullying, e cooperem para solucionar esse problema.

Os pais devem promover **diálogos abertos sobre as experiências escolares e online dos filhos**, inclusive sobre como o bullying tem sido percebido nessas experiências. Fornecer um espaço seguro para esses diálogos, possibilita que as crianças e os adolescentes expressem suas experiências e preocupações sem medo ou receio de conversar sobre o tema. **A criação de uma cultura familiar que valoriza a comunicação aberta e o suporte emocional pode fortalecer a capacidade das crianças e dos jovens de lidar com situações de bullying [34].**

Crianças e jovens constantemente utilizam internet e redes sociais em suas casas. Há evidências de que a exposição das pessoas à violência se tornou mais comum devido à maior interatividade online e ao significativo aumento do uso das mídias sociais [35]. Para prevenir casos de cyberbullying, os pais devem conhecer as redes virtuais que seus filhos utilizam e orientar sobre o uso responsável da internet e redes sociais, buscando monitorar as redes sociais dos filhos e orientando sobre como lidar com esse tipo de situação.

Além disso, os pais têm um papel vital na educação dos seus filhos e devem **estimular desde cedo valores importantes para uma convivência social positiva, como o respeito mútuo, a empatia e a tolerância**. Esses valores ajudam a prevenir comportamentos agressivos e intolerantes e promover relações mais saudáveis entre as pessoas [30].



Os pais também devem estar envolvidos na vida escolar de seus filhos, estabelecendo parcerias com educadores para identificar e abordar prontamente quaisquer incidentes de bullying que possam surgir. Esse suporte colaborativo entre família e escola é essencial para criar um ambiente de cooperação, apoio e proteção [33].

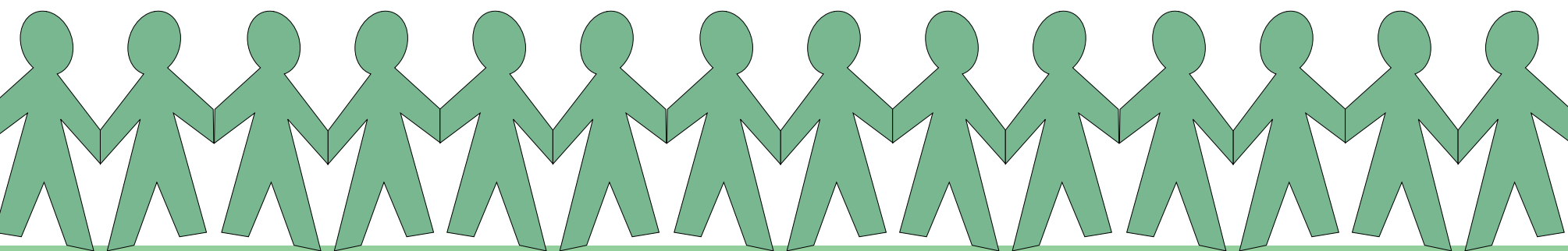


São diversos desafios que surgem para a família e muitas vezes ainda não se tem uma capacitação adequada para lidar com todos os fenômenos e de acordo com o período de desenvolvimento dos filhos, diante disto, **faz-se necessário buscar informações, por meio de participação de leituras de livros, vídeos que abordem o tema, oficinas e cursos sobre a temática realizadas nas próprias escolas dos filhos**.

Além disso, as famílias podem:

- ✦ Buscar uma maior aproximação com a instituição de ensino dos filhos com o fim de conhecer e se apropriar dos projetos escolares voltados para o combate do bullying e do cyberbullying
- ✦ Conhecer a Rede de Saúde e Assistência Social do município em que reside, pois, os estabelecimentos podem ofertar grupos para participação tanto dos familiares quanto dos adolescentes e crianças, que abordam temas como bullying, inclusão e diversidade.
- ✦ Criar grupos entre familiares na escola, para a discussão sobre conteúdos relacionados a educação dos filhos

Para que possamos vencer o bullying de forma mais eficiente, escola e família devem atuar em parceria. Por meio da cooperação, da construção coletiva e da parceria entre escola, família e comunidade que proporcionamos uma escola mais segura e acolhedora para todos.



10. O papel da Psicologia Escolar



A Psicologia escolar é uma das principais áreas do conhecimento capacitada para trabalhar com comportamentos que culminam em violência na escola, como o bullying e o cyberbullying. **A psicologia é uma ciência do comportamento e possui ferramentas eficientes para contribuir com práticas antibullying** e para promover o bem-estar, o respeito e a tolerância na escola.

A psicologia tem o compromisso ético, científico e político de promover bem-estar emocional, psicológico e social das pessoas. Atuando na escola, o psicólogo pode amparar sua prática partindo de resoluções do Conselho Federal de Psicologia (CFP) que tratam do combate à violência nas escolas. Entre as ações no campo da Educação, **o Conselho Federal de Psicologia publicou as Referências Técnicas para atuação de psicólogas(os) na Educação Básica (2019) e a Nota Técnica de nº 8/2023 [36]**, que trata da Psicologia na Prevenção e Enfrentamento à Violência nas Escolas. Esses documentos fornecem recomendações para a atuação da psicologia na escola e para o combate a comportamentos que geram violência, como o bullying.

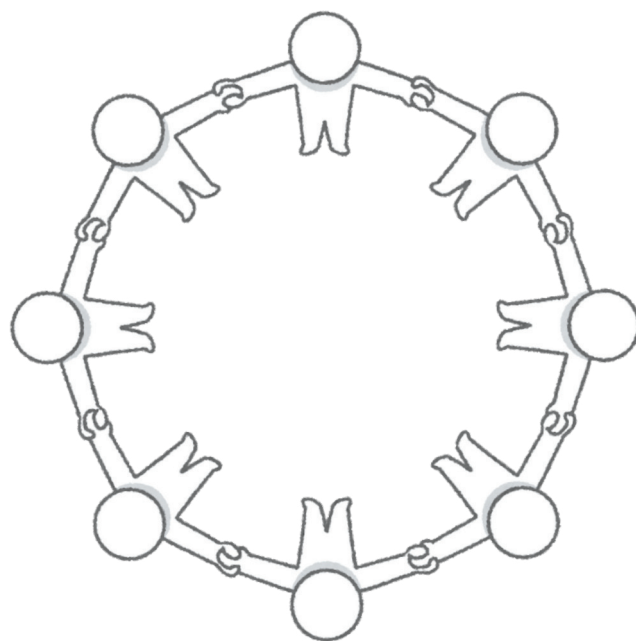
Para uma atuação efetiva, é fundamental que o psicólogo escolar articule as orientações propostas com uma análise do contexto específico em que atua

Atuando na prevenção e no enfrentamento do bullying nas escolas, inicialmente, o profissional da psicologia deve buscar conhecer e compreender como o bullying se apresenta nas escolas onde ele atua, como essa violência está se expressando, suas características, seus impactos, fatores causais, os perfis das vítimas e dos agressores e como a comunidade escolar tem agido no seu enfrentamento. Essas e outras informações são importantes para que o psicólogo produza um diagnóstico inicial e organize o direcionamento das suas intervenções.

A psicologia também pode atuar como facilitadora de práticas e ações coletivas de sensibilização sobre o tema com toda a comunidade escolar, envolvendo alunos, professores, pais e demais membros da comunidade escolar, adotando diversas estratégias, tais como:

- ✦ Organizar palestras, cine debates, rodas de conversa, oficinas, projetos e outras atividades com o objetivo de prevenir e combater o bullying e o cyberbullying. Como sugestão, essas atividades podem incluir apresentações de especialistas, discussões em grupo facilitadas por profissionais capacitados, exibição de filmes e documentários seguidos de debates, além de oficinas interativas que promovam a compreensão do tema.
- ✦ Desenvolver propostas de treinamento/capacitação/formação para que funcionários, docentes e pais adquiram habilidades para reconhecer casos de bullying e cyberbullying e busquem soluções adequadas para cada situação.

- ✦ Disponibilizar materiais informativos sobre bullying e cyberbullying.
- ✦ Colaborar na criação e implementação de políticas contra a violência e a discriminação de qualquer natureza junto à gestão escolar, de maneira a estabelecer procedimentos para lidar com esses episódios, definindo como deve ocorrer o acolhimento dos estudantes que são alvos da violência e as medidas educativas para os perpetradores, visando não só a consequência do comportamento, mas também a conscientização sobre suas ações.
- ✦ Realizar ações diagnósticas e pós-diagnósticas sobre a expressão do bullying nas escolas e a efetividade das ações realizadas para o seu combate.



Além de ações de sensibilização e projetos contínuos na escola, profissionais da psicologia devem atuar como uma rede de apoio para pessoas vítimas de bullying. Embora a psicologia escolar se diferencie da prática clínica, ainda assim o profissional deve exercer a escuta atenta, qualificada e segura, para que os estudantes e profissionais esclareçam dúvidas, compartilhem suas experiências e encontrem na psicologia um espaço de apoio para lidar com essas experiências.

11. Uma situação de bullying ocorreu na minha escola. Como posso lidar com isso?

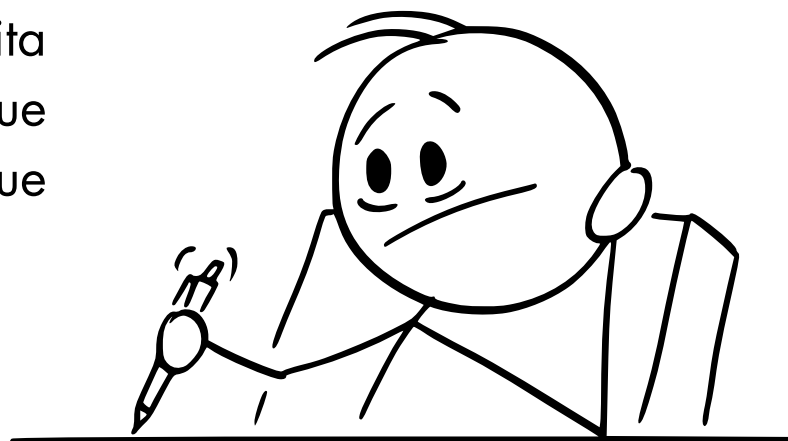
Lidar com situações de bullying costuma ser um desafio para muitos professores e demais membros da escola. Ocorrências de discriminação não devem ser ignoradas e é nosso papel agir diante delas. Abaixo reunimos dez orientações sobre o que fazer diante desses episódios.

1) Ouvir os envolvidos e acolher as vítimas:

A primeira ação a ser tomada é escutar separadamente os envolvidos na situação, as possíveis vítimas, os agressores e as testemunhas:

- ✦ Diante de uma experiência de discriminação, é primordial fornecer escuta, acolhimento e apoio às vítimas da agressão. Procure proteger a vítima e demonstrar apoio e empatia frente ao sofrimento atrelado a essa situação, para que ela se sinta protegida e segura e possa expressar seus sentimentos sem medo de retaliação e julgamento. É importante que essa escuta seja em um lugar calmo e privado que ofereça sigilo e segurança para a vítima. Mesmo que o episódio de discriminação não tenha sido presenciado por você é importante chamar os envolvidos, demonstrar interesse em ouvi-los e acolher a vítima.

- ✦ Converse com os agressores. Ouvir os agressores é importante para compreender a raiz do problema e conscientizá-los sobre os danos causados pelo seu comportamento, bem como para adotar medidas educativas para prevenir ocorrências futuras de violência. É importante que fique claro para eles o posicionamento da escola frente às situações de discriminação, a gravidade de comportamento como esses e as consequências previstas.
- ✦ Além de acolher as vítimas e ouvir os agressores, é necessário um olhar cuidadoso para as testemunhas da violência, que podem ter sido impactadas emocionalmente, bem como podem esconder informações por temer retaliações ou serem as próximas vítimas. Portanto, é necessário oferecer um ambiente de escuta que transmita confiança e que garanta que medidas serão tomadas sem que estes sofram retaliações.



2) Fazer registros:

Documente detalhadamente o que ocorreu, incluindo data, local, nomes dos envolvidos e uma descrição do que aconteceu. Esses registros são importantes para garantir que a situação seja tratada com seriedade e podem ser usados como base para ações posteriores e desdobramento dos casos em outras instâncias. No caso de agressores é importante que essas informações estejam presentes também na ficha dos estudantes, pois é possível acessar essas informações em casos de manutenção do comportamento preconceituoso. No tópico 14 fornecemos um modelo útil para registrar ocorrências de preconceito na escola.

3) Informar a gestão escolar:

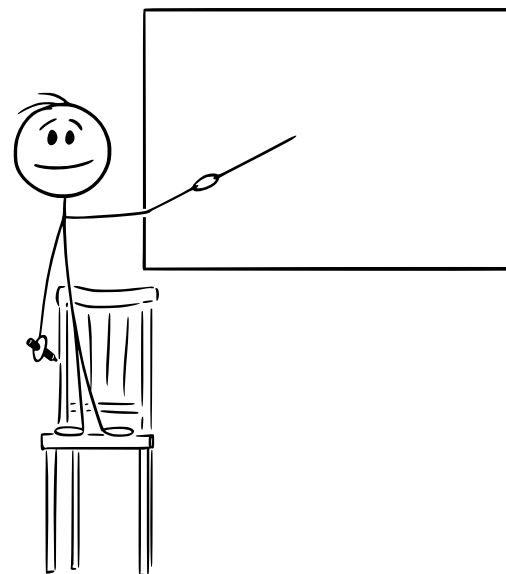
Leve o caso ao conhecimento da direção ou coordenação da escola. A gestão escolar deve estar ciente do ocorrido para que possa tomar as medidas administrativas necessárias, garantindo que a situação seja abordada de forma oficial e responsável.

4) Conversar com pais ou responsáveis:

É importante também envolver os pais ou responsáveis dos alunos envolvidos. Um diálogo com as famílias pode ajudar a garantir que o problema seja compreendido e trabalhado em diferentes ambientes, incluindo escola e famílias. Todavia, antes de levar o caso para os pais ou responsáveis, é recomendado contactar primeiramente a coordenação, ou outros setores pedagógicos que possam dar segurança de como isso será recebido no contexto familiar, para que não gere ainda mais riscos, problemas ou conflitos para a vítima.

5) Promover medidas educativas:

Junto com a gestão escolar, determine as medidas educativas apropriadas para quem praticou o preconceito. Essas medidas não podem ter um caráter apenas punitivista, pois muitas vezes a punição não leva o aluno a entender por qual motivo foi punido e qual a gravidade de suas ações. Inserir esses alunos em atividades educativas que promovam reflexões sobre preconceito, diversidade e diferenças pode ser mais positivo.



6) Realizar ações sobre diversidade e preconceito:

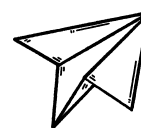
Além das ações imediatas, é fundamental promover discussões e reflexões sobre preconceito com toda a comunidade escolar. Organize rodas de conversa, palestras ou atividades que conscientizem sobre o impacto negativo do preconceito e incentivem o respeito à diversidade, principalmente entre os alunos.

7) Desenvolver projetos contínuos na escola:

Ações para lidar com o preconceito não devem ser realizadas apenas em momentos pontuais, quando ocorrem episódios de discriminação ou apenas em datas comemorativas. É muito importante que projetos contínuos possam ser desenvolvidos durante todo o ano e sejam incluídos no projeto político pedagógico da escola.

8) Criar uma agenda de reuniões e trabalho na escola:

É fundamental criar uma agenda de reuniões, grupos de trabalho e comissões entre os profissionais da escola para organizar o trabalho contínuo de controle e prevenção do preconceito, dos conflitos e das violências. Essa agenda de reuniões e de trabalho deve envolver a colaboração de profissionais de outras áreas, como psicólogos e assistentes sociais, que podem contribuir significativamente no enfrentamento das violências nas escolas. Incluir estudantes nessa agenda de trabalho, para que possam receber informações e ser o disseminador de ideias, pode ajudar a tornar as ações ainda mais eficazes.

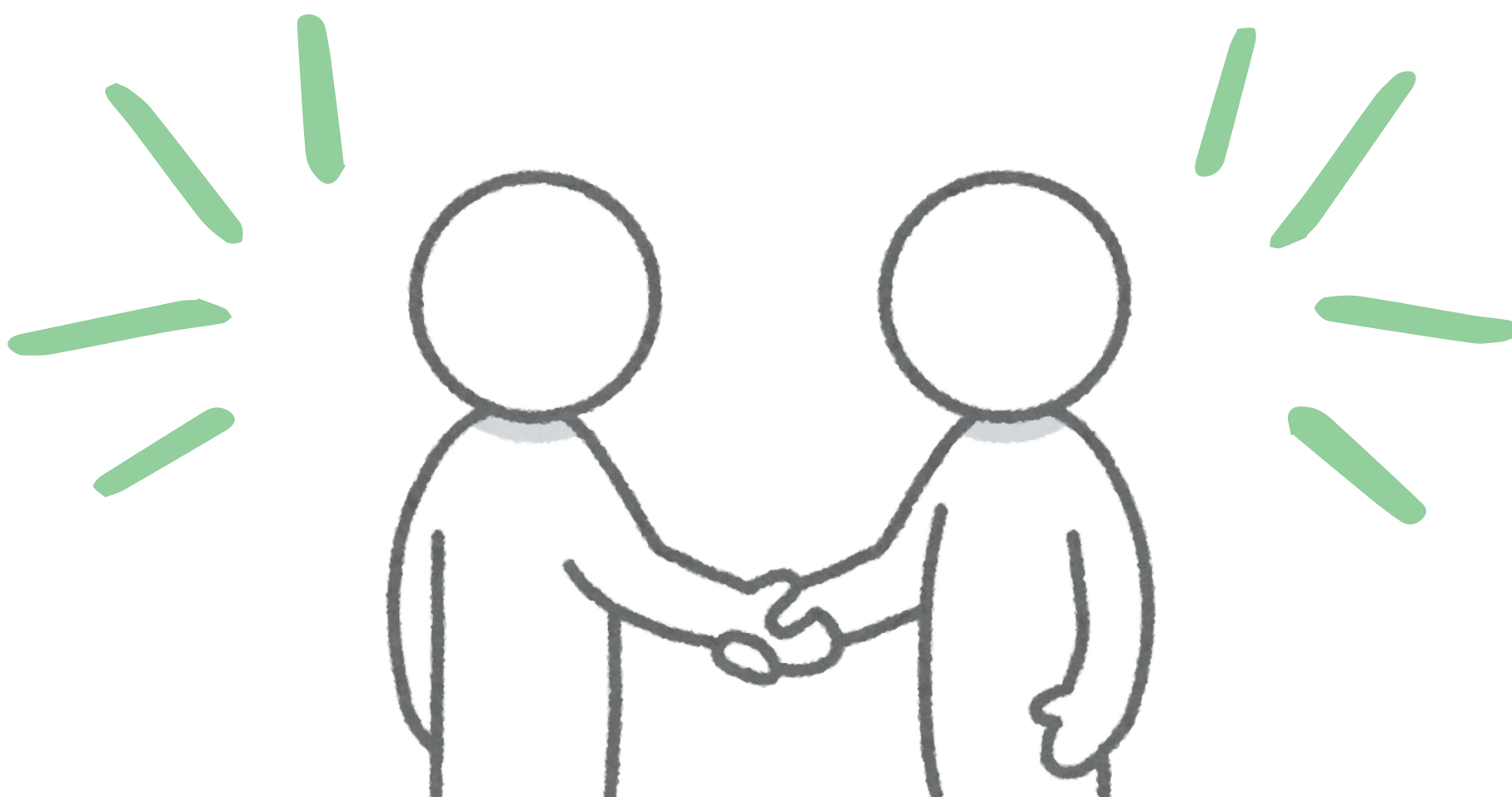


9) Acompanhar os alunos ao longo do tempo:

É importante continuar acompanhando os alunos envolvidos mesmo após a resolução de uma situação específica de discriminação e avaliar se os mesmos precisarão ser encaminhados para outros profissionais, como psicólogos clínicos. O acompanhamento contínuo demonstra aos estudantes que a escola se preocupa com o bem-estar de todos.

10) Buscar mais informações e apoio institucional:

Pode ser difícil lidar com o preconceito quando não nos sentimos preparados ou não sabemos a quem recorrer. Por isso, buscar mais informações sobre esse tema é um passo importante. Existem livros, cursos, podcasts e muitos outros conteúdos de livre acesso que podem nos ajudar nessa tarefa. Também é fundamental acionar a escola, a rede de ensino e a secretaria de educação para buscar apoio institucional e solicitar o fornecimento de formação continuada adequada para o combate dessa violência.



12. Como combater o bullying na escola: intervenções e indicações de materiais

Diferentes estratégias e intervenções podem ser adotadas no combate do bullying e ao cyberbullying na escola. Essas estratégias incluem ações como rodas de conversas, palestras, oficinas, projetos contínuos, uso de literatura infantojuvenil e materiais audiovisuais.



Rodas de Conversas

As rodas de conversa podem contribuir para o combate ao bullying, pois promovem espaços de diálogos e reflexões que ajudam a sensibilizar os estudantes sobre o tema. Diversidade, respeito às diferenças, inclusão, direitos humanos, preconceito e as consequências do bullying podem ser alguns dos temas utilizados para guiar essas discussões. Encontros como esses permitem transmitir informações, promover a troca de experiências e sensibilizar os estudantes sobre a importância da diversidade e das diferenças.

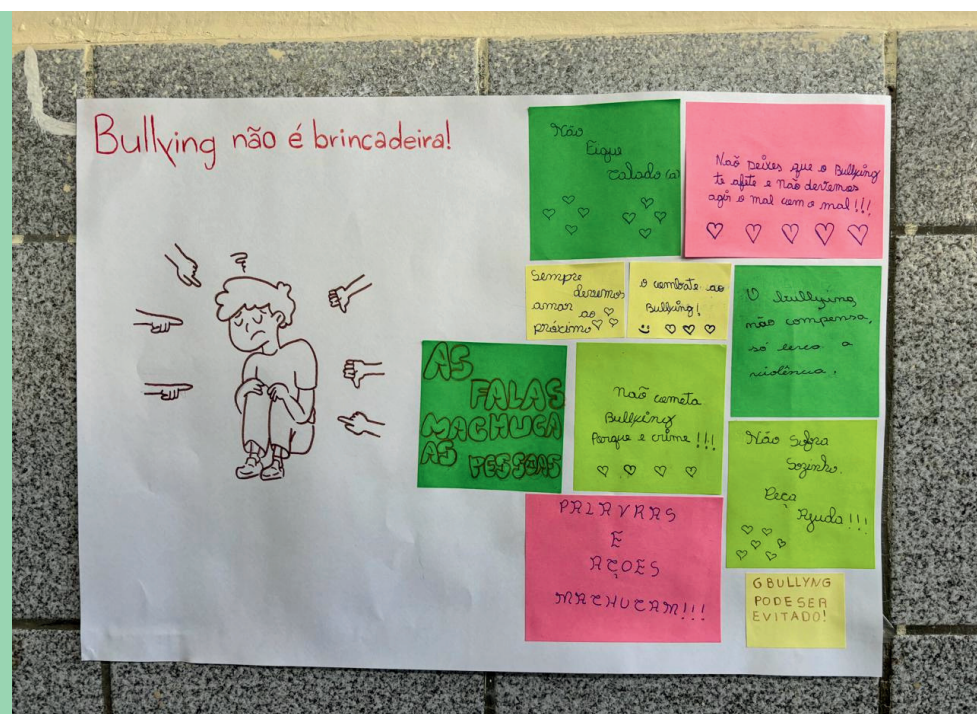
Palestras

As palestras também podem ser utilizadas no combate ao bullying e ao cyberbullying. Esse tipo de evento oferece um espaço para que os estudantes e a equipe escolar obtenham informações de especialistas que ajudem a entender o tema de forma adequada. Além disso, essas ocasiões permitem que os estudantes façam perguntas e tirem dúvidas, criando um ambiente de aprendizado e diálogo.

Oficinas

Oficinas são um tipo de atividade que também colaboram no enfrentamento do bullying nas escolas. Atividades como: pesquisas no laboratório de informática sobre variados temas que envolvam a diversidade; realização de cine debates, onde os alunos assistem vídeos e têm a oportunidade de dialogar sobre o tema; oficinas de teatro, oficinas de arte, oficinas de música e oficinas de literatura com o tema do bullying. Essas iniciativas podem criar uma escola mais respeitosa e que valoriza a diversidade, fortalecendo a luta contra o bullying.

O OPPEs implementou um programa composto por três oficinas voltadas ao combate ao bullying e ao cyberbullying no ambiente escolar. Essas oficinas combinam ações interativas e educativas, com o objetivo de conscientizar, sensibilizar e promover uma convivência respeitosa entre os estudantes. A primeira oficina aborda aspectos conceituais e informativos por meio de vídeos e debates, estimulando a reflexão sobre o tema. A segunda oficina utiliza um jogo



Cartaz criado por um dos grupos dos alunos na terceira oficina

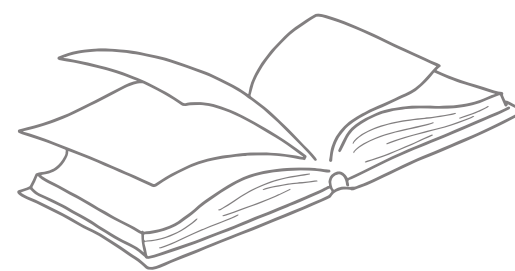
de perguntas e respostas com o objetivo de desenvolver habilidades socioemocionais e incentivar o diálogo entre os alunos, explorando o tema e possíveis formas de intervenção. Por fim, a terceira oficina promove atividades em grupo para a criação de cartazes com regras de convivência escolar, incentivando a empatia e a colaboração.

Projetos Contínuos

Projetos contínuos possibilitam que o combate ao bullying seja constante e permanente, criando um ambiente onde essas discussões se tornem parte da rotina escolar. Esses projetos podem ser desenvolvidos de várias formas, incluindo oficinas, espaços de diálogos, cine-debates, atividades culturais, clubes de leitura com livros, campanhas de conscientização, implementação de normas de convivência e de respeito, entre outros. Ações contínuas nas escolas mobilizam e sensibilizam os estudantes durante todo o ano escolar e, conseqüentemente, produzem efeitos mais duradouros no combate ao bullying.

Outros materiais também podem servir de base de conhecimento e de recurso didático e pedagógico sobre o tema. A seguir, sugerimos algumas literaturas e materiais audiovisuais que podem auxiliar professores, gestores, pais e outros profissionais no combate ao bullying na escola.

Literatura infantojuvenil



Ernersto (Companhia das Letrinhas)

A história de "Ernesto" segue um menino alvo de rumores entre os colegas, que não o consideram simpático e questionam seu estilo de se vestir, levando-o a questionar sua identidade e como é visto pelos outros. O livro é uma ferramenta valiosa para ensinar às crianças sobre empatia, respeito às diferenças e a importância de formar suas próprias opiniões baseadas em experiências pessoais, e não em fofocas ou suposições.



E se fosse com você? (Melhoramentos)

O livro aborda a história de uma turma do quarto ano que pratica bullying de forma rotineira, depreciando colegas com apelidos cruéis. A professora Nancy encontra uma forma criativa de lidar com a situação, promovendo uma mudança no comportamento dos alunos. Com uma abordagem divertida e educativa, a obra oferece reflexões práticas sobre como combater o bullying, sendo uma excelente ferramenta para trabalhar a temática de forma leve.



Mostro Rosa (Boitatá)

O livro Mostro Rosa aborda de forma lúdica a celebração das diferenças. O protagonista, um monstro fora dos padrões estéticos e comportamentais impostos, vive uma jornada de autoaceitação enquanto descobre um mundo além das normas sociais arbitrárias. O livro convida crianças a questionarem o que é considerado "normal" e a enxergarem a beleza na diversidade. Sua mensagem educativa e sensível torna a obra excelente para a discussão de temáticas que envolvem o bullying.



Meu nome é Pedro (Abrace)

Após se mudar para outra cidade, Pedro enfrenta o desafio de se adaptar a uma nova escola. O que parecia um recomeço rapidamente se transforma em um problema, pois ele se torna alvo de zombarias e comentários cruéis sobre sua aparência. Ao reconhecer que essas atitudes são formas de bullying, o garoto decide enfrentar a situação com coragem, descobrindo a força da amizade e aprendendo a lidar com suas inseguranças. "Meu nome é Pedro" é uma obra sensível e que pode produzir boas reflexões sobre empatia, autoconfiança e o impacto das atitudes no ambiente escolar.



Cyberbullying: Além dos Muros da Escola (Abrace)

"Cyberbullying: Além dos Muros da Escola" narra as histórias de diversos alunos que sofreram cyberbullying e como reagiram às graves situações que enfrentaram. Além de expor essas experiências, a obra orienta os leitores, apresentando os direitos e deveres de crianças e adolescentes em casos como esses. A partir de relatos pessoais realizados sob diferentes perspectivas, o livro reforça a necessidade da discussão sobre os impactos do bullying no ambiente virtual.



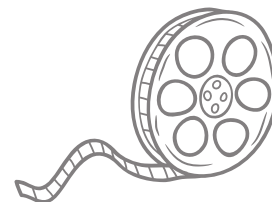
Extraordinário (Intrínseca)

"Extraordinário" conta a história de August Pullman, um menino com deformidade facial que enfrenta o desafio de frequentar a escola pela primeira vez. Narrado por diferentes perspectivas, o livro mergulha nas complexidades das relações humanas, destacando a importância da empatia. A obra é uma ferramenta valiosa para discutir o bullying, especialmente por abordar os impactos emocionais que as atitudes excludentes têm sobre o indivíduo e o coletivo. Além disso, a narrativa incentiva reflexões sobre aceitação, inclusão e a necessidade de se cultivar o respeito às diferenças no ambiente escolar.



Bullying, Ética e Direitos Humanos (Abrace)

Este livro destaca como a educação baseada em ética, moral e respeito aos Direitos Humanos pode transformar comportamentos desde a infância. Ao propor uma reflexão sobre as raízes do bullying e suas consequências, a obra convida o leitor a pensar sobre a importância de abordar o problema de forma preventiva, antes que suas marcas se tornem irreversíveis. Ele reforça que o futuro que desejamos depende das escolhas que fazemos agora: educar para prevenir ou lidar com as consequências inevitáveis dessa violência.



Detona Ralph (2012)

Resumo: É uma animação da Disney dirigida por Rich Moore. O filme acompanha a jornada de Ralph, um vilão de videogame que deseja ser reconhecido como herói, enfrentando preconceitos e estigmas associados ao seu papel. O filme aborda temas como exclusão, bullying e busca por aceitação, destacando a importância de empatia, amizade e superação de rótulos. Com uma narrativa leve e divertida, traz reflexões sobre como nossas atitudes podem impactar os outros.

Classificação Indicativa: Livre



Extraordinário (2017)

É um filme dirigido por Stephen Chbosky, baseado no livro de R. J. Palácio. O filme conta a história de Auggie Pullman, um menino com uma síndrome genética que causa deformações faciais, e sua jornada ao enfrentar o bullying na escola. O filme aborda com sensibilidade os efeitos do bullying sobre a autoestima e saúde mental de crianças e adolescentes, explorando temas como aceitação, empatia e o poder da amizade. A trama destaca a importância de olhar além das aparências e os desafios de ser diferente em uma sociedade muitas vezes intolerante.

Classificação Indicativa: 10 anos



Escritores da Liberdade (2007)

Baseado na história real de Erin Gruwell, uma professora que inspira uma turma de alunos marginalizados e afetados por violência e preconceito a expressarem suas experiências através da escrita. O filme aborda temas como exclusão social, conflitos interpessoais e superação de estigmas, mostrando como a educação e o diálogo podem transformar vidas. A narrativa destaca a importância da empatia, da compreensão mútua e da construção de um ambiente de respeito e pertencimento.

Classificação Indicativa: 12 anos



A Voz do Silêncio (Koe no Katachi) (2016)

É um filme de animação japonês dirigido por Naoko Yamada e baseado no mangá de Yoshitoki Ōima. O filme aborda a história de Shoya, um jovem que, ao relembrar seu passado, busca redenção por ter praticado bullying contra Shoko, uma colega de escola com deficiência auditiva. O filme retrata com sensibilidade os impactos do bullying, tanto para a vítima quanto para o agressor, explorando temas como arrependimento, empatia e reconciliação. É uma obra que convida à reflexão sobre as consequências das ações na vida de todos os envolvidos.

Classificação Indicativa: 14 anos



Moonlight: Sob a Luz do Luar (2016)

Dirigido por Barry Jenkins, o longa-metragem acompanha a jornada de Chiron, um jovem negro em três fases de sua vida, enquanto enfrenta o bullying, a discriminação e os desafios de crescer em um ambiente marginalizado. O filme aborda os impactos do bullying na formação da identidade, destacando as lutas internas e emocionais de Chiron relacionadas à sua sexualidade e saúde mental, além de ressaltar a importância da resiliência e do apoio para superar traumas.

Classificação Indicativa: 16 anos



"Bully" (2011)

É um documentário dirigido por Lee Hirsch que expõe o impacto do bullying na vida de jovens nos Estados Unidos. O filme expõe as consequências devastadoras do bullying na saúde mental e emocional, abordando temas como exclusão, violência escolar e falta de intervenção. É um retrato poderoso que busca conscientizar e inspirar ações para combater esse problema social.

Classificação Indicativa: 17 anos



Para aprender mais



Escola Segura: Como lidar com conteúdos de violência online e conversar com crianças e jovens sobre o tema.

- A cartilha, desenvolvida pelo Governo Federal com apoio de especialistas, oferece orientações práticas para pais, educadores e alunos promoverem juntos um ambiente digital seguro e saudável. Seu objetivo é incentivar o diálogo respeitoso sobre segurança online e educação midiática em casa e na escola. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cartilha_escola_segura.pdf



Bullying: Como orientar, prevenir e enfrentar? Guia para gestores e educadores escolares.

- Este guia foi criado para ajudar gestores e educadores escolares a orientar e prevenir o bullying, promovendo ações que preparem os estudantes para enfrentar o problema e desenvolver relações saudáveis em seu futuro. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/643651/2/Produto%20Educativo%20bullying%20EPT.pdf>



Recomendações para Proteção e Segurança no Ambiente Escolar.

- O material apresenta diretrizes para enfrentar e prevenir violências em escolas e universidades. Ele destaca a importância da colaboração entre estudantes, famílias, educadores, gestores, profissionais de saúde, segurança e outros, para criar ambientes acolhedores e propícios ao aprendizado, com estratégias adaptadas a cada comunidade escolar. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cartilha_recomendacoes_protecao_seguranca_ambiente_escolar.pdf



Bullying: O Documentário

- Cerca de 13 milhões de crianças nos Estados Unidos enfrentaram bullying em 2011, vivenciando situações em escolas, lares, bairros, ônibus ou por meio da internet e dispositivos móveis. O documentário examina essa realidade, investigando tanto o comportamento dos agressores quanto as experiências das vítimas, além de questionar o motivo do silêncio que envolve o tema. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3xdQprk_InI&t=31s



Liberdade de Ser

- O documentário reúne relatos de alunos e ex-alunos da ETEC Presidente Vargas. O curta busca evidenciar a proximidade da violência no cotidiano e os impactos do bullying na vida daqueles que o enfrentaram. Enquanto alguns conseguiram superar as experiências, outros ainda carregam suas marcas. Além disso, destaca a grande quantidade de pessoas que sofrem silenciosamente, sem a liberdade de serem quem realmente são. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0y0hLx4oppU&t=89s>



Bullying: Machucar o outro não é brincadeira

- “Bullying: Machucar o outro não é brincadeira” explora relatos de crianças e adultos que enfrentam ou enfrentaram bullying, abordando como lidam com seus impactos. Também destaca iniciativas de estudantes e escolas para prevenir e combater o problema, além de trazer a perspectiva de um especialista. O documentário reforça a importância de discutir e agir contra esse comportamento nocivo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n8cN5Tk-OIU&t=613s>

13. Canais de denúncia

No Brasil, existem vários canais de denúncia para crimes que violam os direitos humanos, como é o caso das violências ligadas ao bullying e ao cyberbullying. Aqui estão alguns:

Disque 190: Serviço da Polícia Militar para denúncias no ato em flagrante do crime.

Disque 181: Serviço da Polícia Civil. Através do 181 o crime é denunciado anonimamente.

Disque 100: Serviço da Secretaria de Direitos Humanos e da Cidadania, disponível 24 horas para receber denúncias de violação de direitos humanos.

Delegacias Especializadas: Muitas cidades têm delegacias especializadas em atender casos de crimes motivados por preconceito e violência. Caso tenha sido vítima ou presenciou uma discriminação, é importante procurar a delegacia mais próxima.

Ministério Público: O Ministério Público pode receber denúncias e investigar casos de discriminação e violência.

Centro de Referência de Direitos Humanos: Muitas cidades possuem Centros de Referência em Direitos Humanos que oferecem apoio e acolhimento, além de orientar sobre como proceder em casos de violência.

Organizações Não Governamentais (ONGs): Existem ONGs que atuam na defesa dos direitos da população negra e praticante de religiões de matriz africana. Elas podem ser contatas e servir de apoio.

Denúncia Online: A "Delegacia Virtual", do Ministério da Justiça e Segurança Pública, permite que as pessoas denunciem de forma online casos de violência ou discriminação.

14. Relatório para registro de ocorrências de preconceito na escola

RELATÓRIO PARA REGISTRO DE OCORRÊNCIAS DE PRECONCEITO NA ESCOLA
Descrição: Este relatório tem como finalidade registrar ocorrências de preconceito e discriminação na escola. O documento serve como uma ferramenta de monitoramento dos preconceitos e pode ser atualizado conforme as medidas e as ações adotadas pela escola após essas ocorrências. O preenchimento deste relatório é importante para a construção de um panorama a respeito desses conflitos e pode ajudar a planejar estratégias para combater os preconceitos e promover uma cultura de respeito nas escolas.
DADOS DO(A) ESTUDANTE QUE FOI VÍTIMA DE PRECONCEITO: Nome: _____ Turma/Série: _____ Idade: _____ Gênero: _____ Cor da pele: _____ Responsável: _____
DADOS DO(A) ESTUDANTE QUE PRATICOU O PRECONCEITO: Nome: _____ Turma/Série: _____ Idade: _____ Gênero: _____ Cor da pele: _____ Responsável: _____
INFORMAÇÕES GERAIS DO OCORRIDO: Data: ____ / ____ / ____ Local do ocorrido: _____ Tipo de violência: _____
DESCREVA ABAIXO A OCORRÊNCIA DA SITUAÇÃO (O que aconteceu? Como aconteceu? Quando aconteceu? Desde quando acontece? Com qual frequência? Quem são os envolvidos?): _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____

DESCREVA AS AÇÕES IMEDIATAS TOMADAS PELA ESCOLA (Por exemplo: o que a escola fez após receber a denúncia? Houve encaminhamento para alguma outra instituição? Se sim, qual?)
DESCREVA AS AÇÕES FUTURAS ADOTADAS PARA O ACOMPANHAMENTO DO CASO:
OBSERVAÇÕES ADICIONAIS: Carimbo da Instituição: Assinatura do(a) Redator(a)

Link para o documento do relatório:
https://docs.google.com/document/d/1j956UDST_9qg2ls0AXKb0tdio_7f2jyy/edit?usp=sharing&oid=111184668358573811967&rtpof=true&sd=true

15: Referências:

1. Olweus, D. (1997). Bully/victim problems in school: Facts and intervention. *European Journal of Psychology of Education*, 12(4), 495–510. <https://doi.org/10.1007/bf03172807>.
2. Slonje, R., Smith, P. K., & Frisén, A. (2013). The Nature of Cyberbullying, and Strategies for Prevention. *Computers in Human Behavior*, 29(1), 26–32. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2012.05.024>
3. Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2015). *Bullying beyond the schoolyard : preventing and responding to cyberbullying*. Corwin.
4. Kowalski, R. M., Limber, S. P., & McCord, A. (2019). A developmental approach to cyberbullying: Prevalence and protective factors. *Aggression and Violent Behavior*, 45(1), 20–32. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.02.009>
5. Englander, E., Donnerstein, E., Kowalski, R., Lin, C. A., & Parti, K. (2017). Defining Cyberbullying. *Pediatrics*, 140(Supplement 2), S148–S151. <https://doi.org/10.1542/peds.2016-1758u>
6. Tynes, B. M. et al. (2008). Online racial discrimination and psychological adjustment among adolescents. *Journal of adolescent health*, [s.l.], v. 43, n. 6, p. 565-569. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2008.08.021>
7. Olweus, D. (1991). Victimization among school children. *Advances in psychology*, 76, 45-102.
8. Thomas, H. J., Chan, G. C., Scott, J. G., Connor, J. P., Kelly, A. B., & Williams, J. (2015). Association of different forms of bullying victimisation with adolescents' psychological distress and reduced emotional wellbeing. *Australian & New Zealand Journal of Psychiatry*, 50(4), 371–379. <https://doi.org/10.1177/0004867415600076>
9. Ristum, M., & Ferreira, T. R. S. C. (2023). Bullying escolar e cyberbullying. In S. Gonçalves, P. Constantino, J. Q. Avanci, & K. Njaine (Eds.), *Impactos da violência na escola* (pp. 99–132). SciELO - Editora Fiocruz.

10. Francis, J., Trapp, G., Pearce, N., Burns, S., & Cross, D. (2022). School built environments and bullying behaviour: A conceptual model based on qualitative interviews. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(23), 15955. <https://doi.org/10.3390/ijerph192315955>
11. Rajan, A., Singh, A., Pragathi, Sindu, R. S., & Reddy KQ, S. (2022). CYBERBULLYING DETECTION. *International journal of Innovative Research in Advanced Engineering*, 9(8), 236–239. <https://doi.org/10.26562/ijirae.2022.v0908.17>
12. Andrews, N. C. Z., Cillessen, A. H. N., Craig, W., Dane, A. V., & Volk, A. A. (2023). Bullying and the abuse of power. *International Journal of Bullying Prevention: An Official Publication of the International Bullying Prevention Association*, 5(3), 261–270. <https://doi.org/10.1007/s42380-023-00170-0>
13. Choi, B., & Park, S. (2021). Bullying perpetration, victimization, and low self-esteem: Examining their relationship over time. *Journal of Youth and Adolescence*, 50(4), 739–752. <https://doi.org/10.1007/s10964-020-01379-8>
14. Rigby, K. (2003). Consequences of bullying in schools. *Canadian Journal of Psychiatry. Revue Canadienne de Psychiatrie*, 48(9), 583–590. <https://doi.org/10.1177/070674370304800904>
15. Craig, W., the HBSC Violence & Injuries Prevention Focus Group, Harel-Fisch, Y., Fogel-Grinvald, H., Dostaler, S., Hetland, J., Simons-Morton, B., Molcho, M., de Mato, M. G., Overpeck, M., Due, P., Pickett, W., & the HBSC Bullying Writing Group. (2009). A cross-national profile of bullying and victimization among adolescents in 40 countries. *International Journal of Public Health*, 54(S2), 216–224. <https://doi.org/10.1007/s00038-009-5413-9>
16. Evans, C. B. R., Fraser, M. W., & Cotter, K. L. (2014). The effectiveness of school-based bullying prevention programs: A systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, 19(5), 532–544. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2014.07.004>
17. Halliday, S., Gregory, T., Taylor, A., Digenis, C., & Turnbull, D. (2021). The impact of bullying victimization in early adolescence on subsequent psychosocial and academic outcomes across the adolescent period: A systematic review. *Journal of School Violence*, 20(3), 351–373. <https://doi.org/10.1080/15388220.2021.1913598>

18. Matos, V. J., da Silva, J. P., Santos, K. D., & Guimarães, V. M. (2020). Autoestima e bullying: uma revisão integrativa. *Revista Educar Mais*, 4(3), 577–590. <https://doi.org/10.15536/reducarmais.4.2020.1904>
19. Fante, C. (2005). *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2. ed. Campinas: Verus
20. Klomek, A. B., Sourander, A., & Elonheimo, H. (2015). Bullying by peers in childhood and effects on psychopathology, suicidality, and criminality in adulthood. *The Lancet. Psychiatry*, 2(10), 930–941. [https://doi.org/10.1016/s2215-0366\(15\)00223-0](https://doi.org/10.1016/s2215-0366(15)00223-0)
21. Ttofi, M. M., Farrington, D. P., & Lösel, F. (2012). School bullying as a predictor of violence later in life: A systematic review and meta-analysis of prospective longitudinal studies. *Aggression and Violent Behavior*, 17(5), 405–418. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2012.05.002>
22. Anderson, C. A., Li, X., & Zhou, Q. (2018). The Impact of Bullying on Academic Performance of Students in The Case of Parent Communication. *Journal of School Violence*, 27(1), 1-21.
23. Silva, J. L. da, Oliveira, W. A. de, Mello, F. C. M. de, Andrade, L. S. de, Bazon, M. R., & Silva, M. A. I. (2017). Anti-bullying interventions in schools: a systematic literature review. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(7), 2329–2340. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017227.16242015>
24. Obermaier, M.; Schmuck, D. (2022). Youths as targets: factors of online hate speech victimization among adolescents and young adults. *Journal of Computer-Mediated Communication*, [s.l.], v. 27, n. 4, p. zmac012. DOI: <https://doi.org/10.1093/jcmc/zmac012>.
25. Snakenborg, J., Van Acker, R., & Gable, R. A. (2011). Cyberbullying: Prevention and Intervention to Protect Our Children and Youth. *Preventing School Failure: Alternative Education for Children and Youth*, 55(2), 88–95. <https://doi.org/10.1080/1045988X.2011.539454>.
26. Kowalski, R. M., & Agatston, P. W. (2008). *Cyber bullying: A prevention curriculum for Grades 6–12*. Center City, MN: Hazelden.

27. Nardi, S. (2015). Bullying e cyberbullying : estratégias de prevenção e intervenção no ambiente escolar pelo olhar dos professores. Ufrgs.br. <http://hdl.handle.net/10183/13386>
28. Silva, Vanessa Costa Gonçalves; Mota, Raquel Martins Fernandes; Campos, Maria das Graças. (2019). Bullying e Processos de Escolarização: Diálogos e Perspectivas Pedagógicas. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 237–245. DOI: 10.17921/2447-8733.2019v20n3p237-245. Disponível em: <https://revistaensinoeducacao.pgscogna.com.br/ensino/article/view/6871>.
29. Silva, J. L. D., & Bazon, M. R. (2017). Prevenção e enfrentamento do bullying: o papel de professores. *Revista Educação Especial*, 30(59), 615. <https://doi.org/10.5902/1984686x28082>.
30. Ferreira, D. G., & Mendonça, J. G. R. (2023). O fenômeno bullying no ambiente pedagógico: Estudo dos aspectos históricos e conceituais baseados nas diferenças sociais e culturais. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, 14(41), 116–137. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7903363>
31. Tessaro, M., & Trevisol, M. T. (2020). Formação de Professores e o Manejo de Situações de Bullying na Escola: O que as Pesquisas Têm Indicado? *Revista Prâxis*, 17(3), 44-67. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/download/2112/2624/6992>
32. Cruz, C., Lopes, P. L., & Oliveira, F. S. (2017). O gestor escolar e os desafios do bullying: Identificar, dialogar, gerir toda a equipe e ajudar. *Pedagogia em Ação*, 9(1).
33. Silva, C. S., & Costa, B. L. D. (2017). Opressão nas escolas: O bullying entre estudantes do ensino básico. *Cadernos de Pesquisa*, 46(161).
34. Olweus, D. (1993). *Bullying at school: What we know and what we can do*. Blackwell Publishing.
35. Mikołaj Winiewski, Hansen, K., Michał Bilewicz, Wiktor Soral, & Dominika Bulska. (2017, January 1). Contempt speech, hate speech - short English version. <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.14998.55366>.
36. Nota Técnica CFP no 8/2023 - A Psicologia na prevenção e enfrentamento à violência nas escolas. (n.d.). CFP. <https://site.cfp.org.br/publicacao/nota-tecnica-cfp-no-8-2023-a-psicologia-na-prevencao-e-enfrentamento-a-violencia-nas-escolas/>



Observatório
Permanente dos
Preconceitos em
Escolas de
Sergipe

SECRETARIA DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO



SERGIPE
GOVERNO DO ESTADO



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
SERGIPE



Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão de Sergipe